

Una suerte de empeño se percibe en este cuarto número de DEFORMA en el que la ciudad contemporánea recibe el tratamiento estético comparativo de lo real y lo virtual. A decir verdad, son muchos y diversos los motivos que afloran para la selección de tal temática.

Primeramente, si la ciudad contemporánea es un lugar ocupado, su análogo virtual es, ante todo, un lugar practicado. Una mirada detenida a ambos nos revela un territorio de producción de signos frente a un territorio de circulación de signos, o lo que es lo mismo, una estructura de significados frente a una estructura de significantes. En tal sentido, la ciudad actual deviene en prácticas del espacio que, más allá de identificarse con lo sólido, lo cerrado y lo absoluto, están destinadas a desvanecerse dentro del acto que las hace posibles. Al tiempo que un día produce espacios construidos, otro incita acciones espontáneas promovidas por necesidades fundamentales y motivadas por la rentabilidad social de las economías de distribución *on-line*; una acción que nos remite al concepto de entorno colectivo, al intercambio de información instantánea, a la desterritorialización y al nomadeo, a la movilidad y a la circulación, desmitificando aún más las utopías de antaño, aquellas que atendían a cuestiones básicamente etnográficas y etnológicas.

En segundo lugar, porque la naturaleza singular de la ciudad como espacio físico, a saber, su concepción romántica como objeto con valor estético, ya sea por la búsqueda en ella de significados implícitos o reprimidos, puede concebirse en términos de *lectura* o de interpretación. Metanarrativas de la imagen, virtualidades al fin y al cabo, generadas conceptual y estéticamente desde el presente. Una imagen (la digital) donde lo expresado no está allende de su propio lenguaje (el tecnológico) y como tal no puede ser aprehendido separadamente de la forma que lo expresa. Al respecto, la imagen sintética crea realidad allí donde impera por momentos el simulacro; quiebra el discurso de lo real-observado por una *llamada a lo imaginario*. Probablemente, la realidad tiende a relativizarse por la manera en que la tratamos; lo virtual, en cambio, trasciende sus límites constituyéndose como geografía de lo posible.

Finalmente, la ciudad contemporánea, como tal, no puede comprenderse de manera correcta desligada del desarrollo histórico y de la especificidad de los contextos sociales; y en ese intento, la ciudad se considera indeterminada, pero no porque sea deficitaria, sino por definirse abstracta, o lo que es lo mismo, en expansión.

Um grande esforço percebe-se neste quarto número de DEFORMA em que a cidade contemporânea recebe o tratamento estético comparativo do real e o virtual. Na verdade, são muitos e diversos os motivos que afloraram para a escolha desta temática.

Primeiramente, se a cidade contemporânea é um lugar ocupado, o seu análogo virtual é, antes de tudo, um lugar praticado. Um olhar mais atento a ambos revela-nos um território de produção de signos contra um território de circulação de signos, ou o que é o mesmo, uma estrutura de significados contra uma estrutura de significantes. A este respeito, a cidade atual torna-se em práticas do espaço, que além de identificar-se com o sólido, o fechado e o absoluto, estão destinadas a desvanecer-se dentro dos atos que as tornam possível. Enquanto um dia produz espaços construídos, outro incita ações espontâneas promovidas por necessidades fundamentais e motivadas pela rentabilidade social das economias de distribuição *on-line*; uma ação que nos remete ao conceito de ambiente coletivo, ao intercâmbio de informações instantâneas, à desterritorialização e nômadas, à mobilidade e circulação, desmitificando ainda mais as utopias do passado, aquelas que atendiam a questões basicamente etnográficas e etnológicas.

Em segundo lugar, porque a natureza singular da cidade como espaço físico, isto é, a sua concepção romântica como objeto com valor estético, seja pela procura nela de significados implícitos ou reprimidos, pode conceber-se em termos de *leitura* ou de interpretação. Meta-narrativas da imagem, virtualidades que apesar de tudo, geradas conceptual e esteticamente desde o presente. Uma imagem (a digital) onde o expressado não está além da sua própria língua (o tecnológico) e como tal não pode ser apreendido separadamente da forma que o expressa. A este respeito, a imagem sintética cria realidade onde impera por momentos o simulacro; quebra o discurso do real-observado por uma *chamada ao imaginário*. Provavelmente, a realidade tende a relativizar-se pela maneira em que a tratamos; o virtual, por outro lado, transcende os seus limites constituindo-se como geografia do possível.

Finalmente, a cidade contemporânea, como tal, não pode compreender-se de forma adequadamente desanexada do desenvolvimento histórico e da especificidade dos contextos sociais; e nessa tentativa, a cidade considera-se indeterminada, mas não porque seja deficitária, e sim por definir-se abstrata, ou o que é o mesmo, em expansão.